

RELAÇÕES ENTRE LITERATURA E HISTÓRIA ISRAELENSE NA FICÇÃO DE AMÓS OZ

Fernanda dos Santos Silveira Moreira¹

Resumo: No presente trabalho apresenta-se uma análise comparativa inicial entre dois romances do escritor israelense Amós Oz: *Meu Michel*, de 1968, e *Judas*, de 2014. Em ambos os romances são problematizadas questões relativas aos primeiros anos após a criação do Estado de Israel e suas novas demandas, bem como questões de cunho político-social características da sociedade israelense. Pontua-se também alguns aspectos relativos a como a distância temporal entre as duas publicações e todos os eventos históricos entre elas podem contribuir para uma modificação na relação que se estabelece com o passado e suas (re)configurações na literatura.

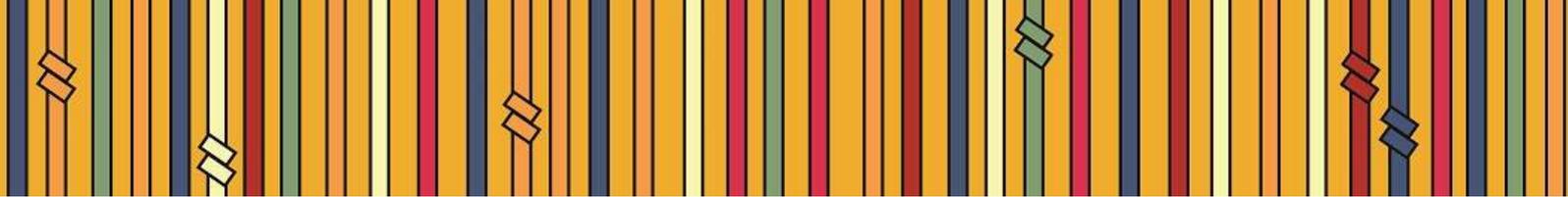
Palavras-chave: Literatura israelense; História; Amós Oz.

Um dos grandes nomes da literatura israelense contemporânea, Amós Oz começou sua carreira literária no início da década de 1960 e, desde então, publicou uma vasta obra que inclui conhecidos romances, como *A caixa preta*, de 1987, e *Pantera no Porão*, de 1995, traduzidos para vários idiomas, assim como muitos artigos e ensaios. Amós Oz é também conhecido por sua militância a favor da existência de dois Estados, Israel e Palestina, evidenciando-se no cenário internacional como um importante intelectual e crítico.

Em sua obra de ficção, Oz retorna a importantes períodos da história do Estado de Israel, em particular aos anos que circundam a criação do Estado, em 1948². Em seu mais recente romance, *Judas*, de 2014, Oz retoma a Jerusalém do final da década de 1950, mais especificamente o inverno de 1959/1960, momento de desapontamentos ideológicos e de muitas demandas relativas à organização de um Estado com pouco mais de dez anos e tão singular quanto Israel. Segundo Arnold Band, em *Sombreamento da “crise de identidade” israelense na literatura hebraica dos anos 60*, a década de 1950 foi marcada pela “meditação chocante sobre as falhas do Estado em concretizar os sonhos de seus

¹ Bacharel em Letras Português-Hebraico pela UFRJ e Mestre em Literatura Comparada pelo Programa de Ciência da Literatura da Faculdade de Letras da UFRJ.

² No curso de extensão “Panorama da Literatura Israelense: dos anos 1980 a antontem”, realizado em 2015 na Faculdade de Letras da UFRJ, o Prof. Dr. Leopoldo O. C. de Oliveira caracterizou variadas obras de Oz como romances de revisão de década.



fundadores” (BAND, 1998, p 165)³, o que se pode observar refletido nas obras literárias publicadas então.

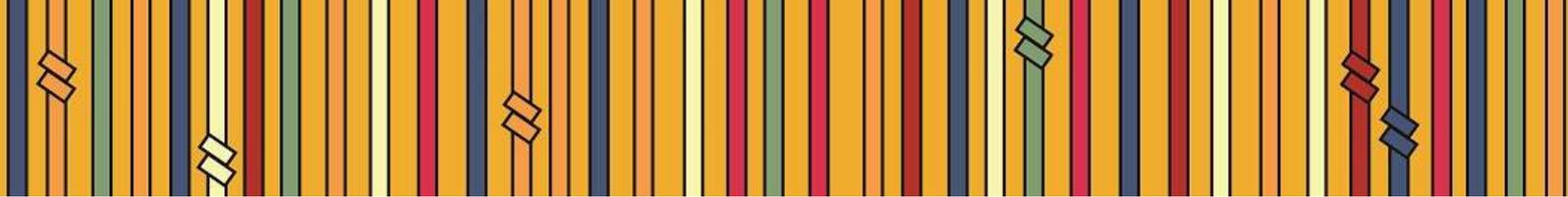
Outros romances de Oz são também ambientados no mesmo período da narrativa de *Judas*, dentre os quais estão *Meu Michel*, de 1968, *Uma certa paz*, de 1982, e *Entre amigos*, de 2012. Embora seu foco esteja, sobretudo, em personagens comuns que se relacionam de diferentes maneiras com o desenrolar da história, os grandes eventos políticos das últimas décadas em Israel são problematizados nestas narrativas, a partir de várias perspectivas individuais que se desvelam a partir de cenas da vida cotidiana, em meio aos desdobramentos dos conflitos pessoais dos personagens.

Em recente visita ao Brasil, no lançamento do livro de ensaios *Mais de uma luz*, 2017, Oz reforçou o fato de que, quando deseja posicionar-se ou expressar seus pensamentos “sobre o Estado de Israel, sobre o Estado do povo judeu”, sobre sua “concepção do judaísmo como cultura, não só como religião, não só como uma nacionalidade”, ou, ainda, a respeito de suas “opiniões sobre fanatismo e tolerância”⁴ ele escreve artigos e ensaios, destacando que, em seus romances, como já pontuado em outros pronunciamentos, sua intenção é narrar histórias, atiçar a curiosidade em relação ao outro, motivar novos pensamentos que culminem com uma maior empatia entre os seres. Entretanto, alguns aspectos dos conteúdos referentes aos seus posicionamentos, enquanto um intelectual israelense, e os diversos e inflamados debates sobre o Estado de Israel, podem ser também observados em sua obra de ficção ao longo de seus mais de cinquenta anos como escritor.

Na literatura, as narrativas da história podem ser reconfiguradas, realçando aspectos por vezes ignorados ou sequer imaginados. É o que propõe Paul Ricoeur, em *Tempo e Narrativa* (1985), no qual afirma que “uma das funções da ficção, misturada à história, é libertar retrospectivamente certas possibilidades não efetuadas no passado histórico” (RICOUER, 1985/1997, p. 331), detectando e explorando “algumas significações temporais que a vivência cotidiana nivela e oblitera” (RICOUER, 1985/1997, p. 329). Para Ricoeur, o que se tem é um *quase-passado* que vai detectando aquilo que poderia ter

³ Este artigo encontra-se traduzido nos *Cadernos de Língua e Literatura Hebraica* n°1, de 1998. O título original em inglês é *Adumbrations of the Israeli “Identity Crisis” in Hebrew Literature of the 1960’s*. O artigo foi traduzido por Eliana Rosa Langer com revisão de Nancy Rozenchan.

⁴ Este pronunciamento/entrevista foi feito em 24 de junho de 2017 em São Paulo, em evento organizado pela Companhia das Letras. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QSIII34WGek>>. Acesso em 24 de julho de 2017 às 14:42.



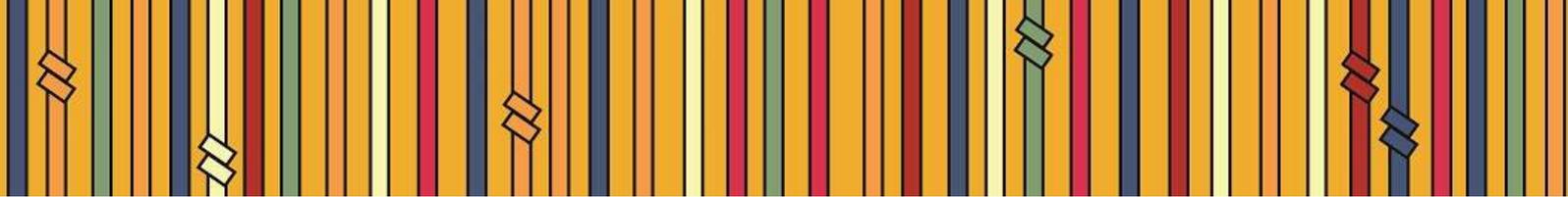
acontecido. Desse modo, o retorno às primeiras décadas do Estado na obra de Oz abre um leque de possibilidades de apreensões de um passado próximo, repleto de nuances e de problematizações cujo debate é ainda vigente, profícuo e necessário.

Neste trabalho, foram delineadas algumas relações entre dois romances de Amós Oz que recriam a Jerusalém da década de 1950, a fim de compreender de que forma se aproximam e se distanciam as caracterizações deste mesmo período histórico, uma vez que é um momento frequente na obra do escritor. Os romances escolhidos foram *Meu Michel* e *Judas*. Os mais de quarenta anos que separam as publicações desses dois romances foram marcados por importantes transformações sociais e políticas que moldaram a situação atual do estado de Israel e que podem interferir na apropriação da narrativa que se faz do passado.

Meu Michel é um dentre os grandes romances de Oz. Segundo Berta Waldman, em *Linhas de força: escritos sobre literatura hebraica* (2004) “nele já se encontram as contradições que serão um *leit motif* da obra posterior de Amós Oz. Encontra-se ainda o forte pendor ideológico e político entretecido com a literatura distendida entre a teoria e a experiência” (WALDMAN, 2004, p. 63). Nele, a narradora é também a personagem principal, Hana Gonen, uma mulher de trinta anos que decide registrar os acontecimentos de sua vida, motivada pelo medo da morte, e, sobretudo, pelo medo do esquecimento. Seu cotidiano desiludido de mãe e esposa ao longo da década de 1950 torna-se insuportável e faz com que ela se deixe embriagar por uma realidade outra, entre sonhos e devaneios, marcados pelo exercício de poder, pela degradação, pela sexualidade combinada à violência, aparentemente tão diferentes de sua vida pacata.

Em seus registros, misturam-se suas repetitivas atividades diárias a lembranças mais antigas, anteriores à criação do Estado, quando era ainda uma menina e possuía algumas esperanças e estava envolta pelos ideais da geração anterior a sua. Seu quadro psicológico vai se agravando ao longo da narrativa, tornando-a cada vez menos presente nas situações cotidianas, embora a personagem trace descrições ricas em detalhes da melancólica Jerusalém dividida em duas que observa e que a atemoriza.

O leitor encontra algumas caracterizações do contexto no qual se passa a narrativa a partir das falas de outros personagens, como a diferença entre as gerações, a valorização da carreira intelectual, os resquícios da guerra de Independência, algumas questões políticas envolvendo nomes como Dov Yossef, Ben Gurion ou Golda Meir, dentre outros.



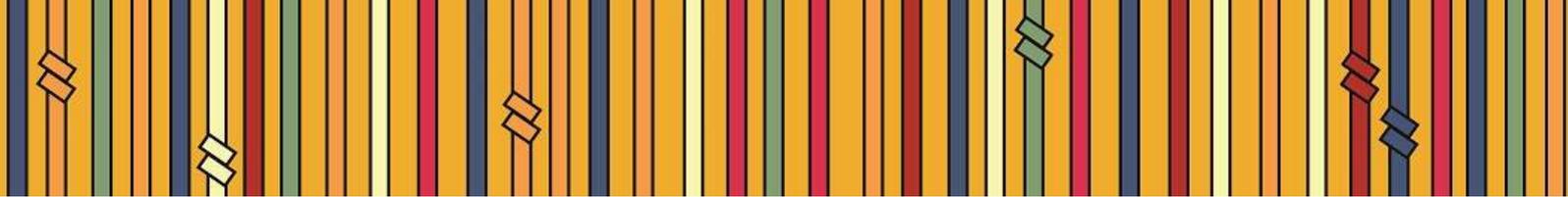
A certa altura da narrativa, um dos senhores com que Hana convive, afirma sobre a Guerra de Suez, de 1956: “Agora o Estado de Israel mudará. Desta vez a mão que empunha o machado, no dizer de Bialik, é a nossa. E chegou a vez de eles chorarem e perguntarem se há justiça e quando virá” (p. 149).

A questão relativa aos árabes surge, em particular, pela representação das figuras dos gêmeos Aziz e Halil, com os quais Hana conviveu durante a infância e que foram obrigados a se mudar em 1948. Os gêmeos árabes são retratados como homens fortes e viris, que estão sempre tramando alguma coisa, embora sejam sujeitados pelo domínio de Hana em seus devaneios. Em seus sonhos, eles vêm nas sombras da noite para intimidá-la, mas também para lhe trazer prazer. Em outros trechos da narrativa, são descritos os ecos das rajadas de tiros e do som dos sinos que ressoam, esporadicamente, lembrando aqueles que estão do outro lado.

Para protagonista, seu tempo presente se diferencia dos anos anteriores ao Estado por diversas ausências, de pessoas conhecidas, de estruturas, de ideologias. Ela se sente vazia, concluindo que o mundo que conhecera estava separado “por um deserto desolado” daquele de seu presente. Segundo Berta Waldman (2004), a personagem pode ser compreendida como uma analogia da sociedade israelense dos anos posteriores à criação do Estado:

uma análise mais detida da protagonista mostra que ela construiu seu mundo de fantasia de acordo com a escala de valores que rege o mundo “real”, e deixa-se conduzir segundo normas sociais interiorizadas, que transparece até mesmo em seus sonhos. (WALDMAN, 2004, p. 64).

É possível observar no romance várias problematizações de cunho político e de reflexão sobre diversos aspectos da vida social da complexa sociedade israelense: como o estranhamento entre os diversos grupos, a fria paz de uma sociedade que ignora no seu dia a dia aqueles que estão ao seu lado, embora separados por altos muros e lugares proibidos, a chegada de novos grupos de judeus advindos de países árabes, a transformação da cidade de Jerusalém, que é considerada atrasada em relação às demais, e a Guerra do Sinai de 1956, da qual o marido da narradora, Michel, participa como operador de rádio, e da qual retorna para sua rotina de estudos como importante intelectual. Só Hana não consegue se conformar ao novo estados das coisas e ao curso dos anos sem esperanças e ideologias. Essa sua não conformação aos novos rumos dos

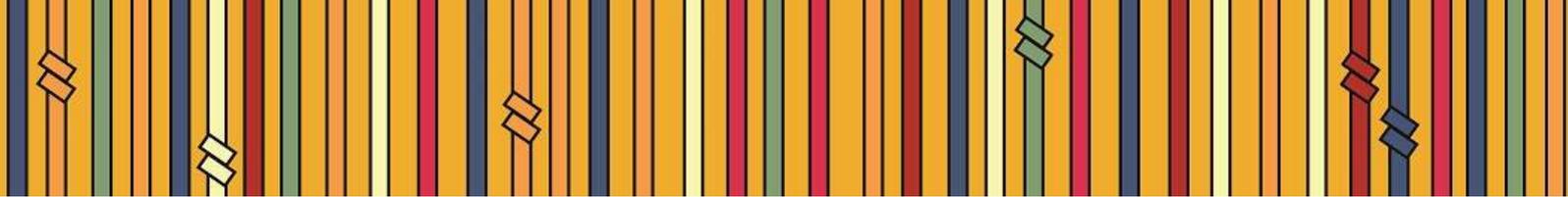


primeiros anos do Estado é caracterizado por seu marido por sua visão da vida “muito literária” (OZ, 1968/1982, p. 175). Esse estado de melancolia contínua da personagem é caracterizado por Arnold Band como o sentimento daqueles que não conseguiram “adaptar-se à realidade do ‘dia seguinte à revolução’” (BAND, 1998, p. 171), que marcam um desvanecimento dos ideais sionistas ao longo da década de 1950 ao serem contrastados com o conhecimento do que realmente acontecera e por uma realidade repleta de demandas⁵.

A crítica aos caminhos para a concretização dos ideais sionistas, após a criação do Estado, e a todos os conflitos da liderança judaica anterior a 1948, voltam a ser problematizados em *Judas*. Na narrativa, o jovem Shmuel Asch, um rapaz desacreditado de sua vida pessoal, começa a investigar o passado em busca de melhor compreender os processos do estabelecimento do Estado e suas consequências para o futuro de Israel. Durante o mesmo inverno em que Hana começa a escrever suas memórias, entre 1959/60, Shmuel investiga mais a fundo o passado a partir de dois vieses: primeiro sobre uma nova leitura da figura de Judas Iscariotes, como um encaminhamento de sua pesquisa sobre Jesus na visão dos judeus; o segundo, a partir da figura de Shaltiel Abravanel, personagem fictício considerado um traidor que havia integrado a Agência Judaica e a Organização Sionista antes do Estado, tendo sido afastado por seu posicionamento efetivamente oposto àquele escolhido e concretizado pelas lideranças judaicas representadas pela figura de Ben Gurion, principalmente em relação aos árabes. Ambos os traidores, teriam morrido sozinhos e seriam lembrados sempre com pesar e rancor.

Shmuel passa todo o inverno na casa de Guershon Wald e sua nora Atalia, que Shmuel descobre se tratar da filha de Shaltiel Abravanel. As ações repetitivas e solitárias do rapaz se unem as de Wald e Atalia, numa casa repleta de segredos e tristezas. Dentre eles está a morte de Micha, marido de Atalia, filho de Wald, morto durante a Guerra da Independência de maneira extremamente cruel. Outros segredos relacionam-se com a vida de Abravanel, falecido há alguns anos depois de um momento de reclusão, cuja trajetória política Shmuel vai depreendendo através de conversas e leituras de arquivos antigos.

⁵ Este e outros aspectos do romance *Meu Michel*, em particular as descrições da cidade de Jerusalém, foram analisados em minha dissertação de mestrado cujo título é *Representações de Jerusalém na literatura: a cidade sonhada de Moacyr Scliar e a cidade dessacralizada de Amós Oz*, defendida em abril 2016 na UFRJ.

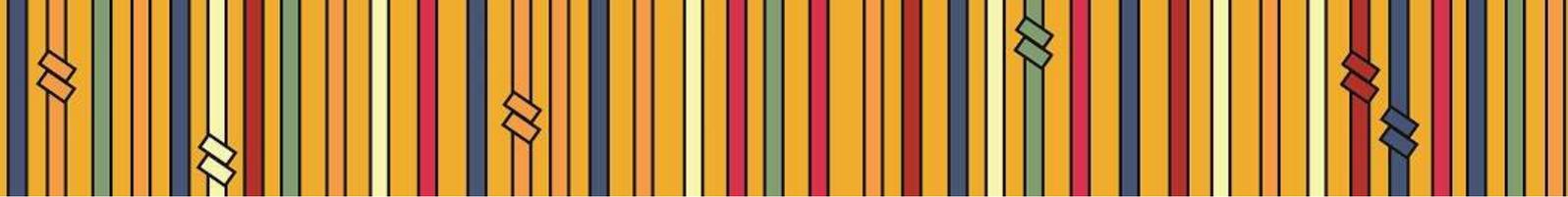


Nesta casa de enlutados de guerra, Shmuel vai repensando aspectos ligados à figura do traidor, seja de Judas, seja de Abravanel, como figuras que, caso tivessem sido ouvidas ou melhor analisadas, poderiam ter poupado grandes tragédias para a história judaica. Nas longas conversas diárias que Shmuel tem com velho Wald, trava-se um fervoroso debate a respeito das ações de Ben Gurion, apresentado ora como um grande visionário realista, ou aquele capaz de aproveitar “a brecha” da história para a criação do Estado, ora como chefe de um “Estado chauvinista” (OZ, 2014, p. 121) que espalhava “muita fraseologia bíblica oca”. As conversas giram diversas vezes em torno do fato de que o modelo escolhido para o estabelecimento do Estado de Israel traçou, conseqüentemente, os futuros conflitos entre israelenses e palestinos de então e que, na opinião dos personagens, poderia tomar proporções catastróficas. Dessa forma, as ideias de Abravanel vão sendo retomadas e se mostrando um caminho possível, embora utópico, que poderia ter evitado inúmeras mortes, dentre as quais a de Micha.

Mesmo, Wald, que vê em Ben Gurion uma figura realista e fundamental, se vê devastado, pois está profundamente marcado pelo preço do sangue do seu único filho, que ouviu e atendeu às vozes de toda a sociedade (professores, amigos, políticos e do próprio pai) que consideraram a guerra o único caminho possível. Diferentemente de *Meu Michel*, em que os personagens participam da guerra como um acontecimento inerente à manutenção do Estado, voltando a viver suas vidas cotidianas para um futuro aparentemente promissor, em *Judas*, o impacto da morte de um familiar é tão palpável e aterrorizante, que a concretização do Estado e o discurso hegemônico anterior à sua criação são postos em questão, e a realidade cotidiana, sem Micha, tem um preço alto demais.

Em *Judas* é notável uma reflexão da história de forma agudamente mais crítica, em particular porque os anos que separam os dois romances mostraram como conseqüências sérios entraves, em particular no conflito árabe-israelense, que poderiam ter se desdobrado de outras formas. Em *Judas*, é possível observar um profundo argumento ideológico que tem marcado os discursos de Oz nos últimos anos. Conforme apontado por Regina Igel em *O que falta em Judas, de Amós Oz* (2015),

Amós Oz penetra por terreno bem espinhoso, mas, na verdade, está dentro dessa arena há muito tempo. Seu posicionamento nesse campo é universalmente conhecido, e o romance apenas coloca em



formulação ficcional o que o autor tem dito e escrito em artigos ao longo dos anos (IGEL, 2015, p. 2).

De fato, alguns trechos de *Judas*, aparecem, quase palavra por palavra, em ensaios como *Entre o certo e o certo*, de *Como curar um fanático* (2016), a respeito, por exemplo, do argumento de que judeus e árabes teriam sido vítimas da Europa cristã, ou a respeito da impossibilidade de um amor universal, que caracteriza o discurso dos “consertadores do mundo”, mas que, efetivamente, não são nem aplicáveis e nem inquestionáveis. Nas bocas de Wald, Shmuel e Abravanel, estes argumentos ganham um status profético e trágico.

As duas obras se distinguem em relação ao contexto político da publicação de cada uma, o que também torna mais amplas as percepções a partir do conhecimento sobre o desenrolar da história. Como Chartier (2000) aponta, ao analisar o conto *O espelho e a máscara de Borges*, embora o objeto – aqui o período histórico nas duas narrativas – seja o mesmo, cada escritura é única, “a estética que a governa, a forma da publicação do texto e a figura de seu destinatário” (CHARTIER, 2000, p. 202) são diferentes. Entretanto, apesar das muitas décadas que separam as duas, pode-se observar um ponto comum em ambas: uma rica e profícua inclinação política da ficção de Oz e um aprofundamento do debate sobre as decisões políticas e suas consequências para o Estado de Israel e para o seu futuro nas ações que concretizaram o objetivo sionista. Em ambos os romances, a década de 1950 é caracterizada como um momento de grande análises e desapontamentos, de vazios e de incertezas quanto ao futuro.

Na obra de Oz, a reconfiguração, e mesmo o entrecruzamento, da história na literatura, por diversas vezes, sob óticas diferentes, aponta, de fato, para aquilo proposto por Ricoeur como a busca da ficção “dos possíveis ocultos no passado efetivo” (RICOUER, 1985, p. 331), que levantam hipóteses e problematizam o passado, de maneira a melhor se relacionar com o presente e se transformar para o futuro. Como uma importante voz israelense, sua obra, de fato, apresenta diversas outras vozes nem sempre ouvidas, dentro e fora de Israel, despertando a curiosidade de estar no lugar do outro, e de refletir, ao menos individualmente, sobre erros e acertos e sobre outros caminhos possíveis.

Referências Bibliográficas

- BAND, Arnold J. Sombreamento da “crise de identidade” na literatura hebraica dos anos 60. **Cadernos de Língua e Cultura Hebraica**. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP – n. 1 (1998) – São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 1998. Páginas 163-174. Tradução de Eliana Rosa Langer e revisão de Nancy Rozenchan.
- CHARTIER. Roger. História e Literatura. **Topoi Revista de História**. Volume 1 nº 1, janeiro-dezembro de 2000, p. 197-216.
- IGEL. Regina. O que falta em *Judas*, de Amós Oz. **Cadernos de Língua e Literatura Hebraica**. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP – n. 13 (2015) – São Paulo : Humanitasl FFLCH, 2015.
- MOREIRA, Fernanda dos S. S. **Representações de Jerusalém na literatura: a cidade sonhada da Moacyr Scliar e a cidade dessacralizada de Amós Oz**. Rio de Janeiro, 2016. Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2016.
- OZ, Amós. **Meu Michel**. Tradução de Rifka Berezin, Sônia Baguchwal e Nora Rosenfeld. – São Paulo : Summus, 1982.
- _____. **De amor e trevas**. Tradução do hebraico e glossário de Milton Lando. – São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- _____. **Judas**. Tradução do hebraico Paulo Geiger. – 1ª edição – São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- _____. **Como curar um fanático: Israel e Palestina: entre o certo e o certo**. 1ª edição – São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- _____. **Mais de uma luz: fanatismo, fé e convivência no século XXI**. Tradução do hebraico Paulo Geiger– São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- RICOUER. Paul. **Tempo e narrativa**. Tomo III. Tradução Roberto Leal Ferreira. Campinas, São Paulo : Papyrus 1997.
- WALDMAN, Berta. **Linhas de força: escritos sobre literatura hebraica**. São Paulo: Humanitas, 2004.